

Brizola e Collor brigam por espaço na Europa

Norma Couri
Correspondente

LISBOA — Como se não bastasse ser este o pior período do ano para iniciar sua viagem internacional — já que as eleições europeias, que escolherão os 24 representantes portugueses para o Parlamento Europeu, transformaram Portugal numa espécie de país-fantasma e candidatos brasileiros não estão despertando muito interesse por aqui — Fernando Collor de Mello ainda enfrentará o resultado das urnas, favorável aos socialistas portugueses. Assim, os bons ventos sopram mais na rota europeia de Brizola e menos na direção do candidato do PRN, mais identificado com as tendências de centro-direita.

Por isso tudo, Collor, na sua visita a Portugal, teve que retificar suas posições no pannel ideológico, procurando ganhar tempo contra o adversário pedetista, que chegou a Paris antes dele. Leonel Brizola se encontrou ontem com o presidente francês François Mitterrand. A estratégia de Brizola, aproveitando-se da imagem que tem e de suas boas relações com os socialistas europeus, é *queimar* o candidato do PRN antes que ele desembarque nos países que vai visitar.

“Collor, quem?” —

“O socialismo europeu é perfeitamente compatível com as minhas idéias”, avisou Collor logo na chegada a Portugal e, numa demonstração de extrema maleabilidade, elogiou tanto a *glasnost* de Gorbachev quanto o socialismo de François Mitterrand e o comunismo italiano. “Hoje, no Brasil, o que conta não é tanto a consciência ideológica e sim o espírito de sobrevivência”, disse. “Tanto que tenho mais eleitores do PT e do PMDB que os seus próprios candidatos.”

Depois de um domingo tranquilo, cujo maior acontecimento foi a lagosta que comeu no jantar, na orla da Praia de Cascais, o encontro ontem, de uma hora, com o primeiro-ministro Cavaco Silva, marcou o começo de uma peregrinação política na qual Collor parece estar, para a Europa de 1989, como esteve em 1976, para os Estados Unidos, o então candidato à presidência do país Jimmy Carter. Era o *Jimmy, who? (Jimmy, quem?)*, conforme ele intitulou seu livro de campanha.

“Collor, quem?”, perguntavam os poucos jornalistas portugueses sobre o candidato, que, de terno de linho claro, sapatos marrons, camisa branca e gravata de seda verde e rosa, cruzava os grossos portões do Palácio de São Bento, onde Cavaco Silva o esperava. Bem verdade que Collor conseguiu arrancar da recepcionista Lúcia um comentário favorável. “Este sim, é muito bonito”, disse ela.

Cama feita — Em com-

pensação, Lula reuniu os líderes das duas centrais sindicais — Torres Couto, da UGT, e Carvalho Silva, da CGTP. Para Collor, só o último esteve disponível para o almoço que se seguiu, na casa do embaixador do Brasil — o mesmo programa que Brizola recusou há três meses.

Fumando um charuto, depois de ter saboreado a entrada de salmão e o arroz de tamboril, Collor deu um toque humano à conversa, lembrando que seus pais se casaram em Portugal, e que esta parte da Europa lhe inspirava algumas medidas românticas, como a recuperação dos bondinhos — “Ao menos em Santa Teresa” — ou importantes, como o desenvolvimento do transporte ferroviário.

Hoje, depois de um almoço no Palácio de Belém com Mário Soares, que um assessor informou ser privado, a exemplo do jantar que o presidente português compartilhou com Brizola há três dias, Fernando Collor rumou para Paris com a certeza de encontrar as lideranças socialistas *de cama feita* pelo ex-governador do Rio.